

Tempo Comum - 10º Domingo

Serra do Pilar, 7 junho 2015

**Eu vi a cidade santa, a nova Jerusalém!
Que descia do céu, de junto de Deus,
qual esposa adornada,
para seu esposo!**

Grande é o Senhor e digno de louvor,
na cidade do nosso Deus.
A sua montanha sagrada é a mais alta das montanhas,
A alegria de toda a terra.

Meus irmãos:

Disse o Concílio Vaticano II que “não é desejo da Igreja impor, nem mesmo na Liturgia, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos” (SC 37). Claro que uma afirmação destas vem seguida de muitos *mas* — e o primeiro é este: “a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade” —. E continua: “dê-se oportunidade às legítimas diversidades e adaptações aos vários grupos étnicos, regiões e povos”.

Será que isto é para se passar à prática - a criatividade na Liturgia — ou fica tudo como dantes, “quartel-general em Abrantes”?

«Cura-nos, Senhor, das feridas da malícia
que a vontade abriu, desgovernada
[Kyrie, eleison!]

Cura-nos, Senhor, das feridas da ignorância
que a inteligência consentiu,
tão cega de destino e de prudência
[Christe, eleison]

Cura-nos, Senhor, das feridas da lassidão
a que o apetite sensível nos expõe,
perdidas as rédeas da razão e da vontade
[Kyrie, eleison]

que as tuas obras nos abram as portas do Espírito
para a faina dos dias e o louvor das horas» (José Mourão)
Ámen!

Oremos (...)

«bendito sejas Deus
pelo pão e pela palavra
que nos reúnem
das viagens
dá ao nosso corpo
a alegria dos descobrimentos
e o gosto de continuar
a nossa viagem para ti»

Ámen!

Leitura do Livro de Isaías (3,16 e 18,24)

Orgulhosas, as mulheres de Sião...

Mas, naquele dia, o Senhor tirar-lhes-á todos os adornos: os anéis, os colares e as lúnulas, os brincos, as braceletes e os véus, os lenços da cabeça, as argolas dos pés, os cintos, os frascos de perfume e os amuletos, as argolas do nariz, os vestidos de festa, os mantos, os xailes e as bolsas, os espelhos e as musselinas, os turbantes e as mantilhas. Então, em vez de um perfume, haverá um fedor; em vez de um cinto, uma corda; em vez de cabelos entrançados, uma careca; em vez de vestidos sumptuosos, um de serapilheira, e vergonha em vez de beleza.

Salmo responsorial (do Salmo 61[62])

Só em Deus descansa a minha alma

Só em Deus descansa minh'alma,
dele me vem a salvação.
Ele, o rochedo, é a minha proteção,
a minha fortaleza; jamais serei abalado.

Em Deus está a minha salvação e a minha glória,
Ele é um rochedo firme e o meu refúgio.
Confiai nele, ó povo, em todo o tempo,
abri-lhe totalmente o vosso coração.

Leitura da Carta de Paulo aos Gálatas (3,26/29)

Meus Irmãos:

Todos vós sois Filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. Pois todos os que recebestes o Batismo de Cristo fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem homem livre, não há homem nem mulher; todos vós sois novos em Cristo Jesus. Mas, se pertenceis a Cristo, sois também da descendência de Abraão, e, portanto, herdeiros segundo a promessa que lhe foi feita.

Aleluia!

Deus Pai nos gerou pela palavra da verdade,
para sermos as primícias das suas criaturas.

Aleluia!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (6,28-30 e 32-34)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: *Porque vos inquietais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam. Mas eu digo-vos: nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Se Deus assim veste a erva do campo que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais não fará por vós, homens de pouca fé? Os pagãos é que se preocupam com essas coisas. Bem sabe o vosso Pai celeste que precisais disso tudo. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois que ele trará sempre as suas inquietações. Baste a cada dia o seu cuidado!*

Homilia

A maneira de vestir tem a ver com a cultura, com o tempo, com o lugar, com a meteorologia, com as estações do ano, com o trabalho, com a festa, com as ocasiões diversas da vida, com o dinheiro que se tem, etc., etc.

E não é de estranhar que, também na celebração litúrgica, a veste, nomeadamente do que preside, tenha também condicionalismos, um dos quais, certamente o mais importante e para lá das leis da psicologia humana — preto (roxo) é luto; branco, alegre; verde, normal; e vermelho, martírio e Espírito —, é o seu dever de apontar para o mistério que se celebra.

Claro que, na Liturgia, nem só a veste do presidente aborda o mistério. Também o batizado, por exemplo, renascido da água, fonte da vida, se veste de branco. Após o novo nascimento, ou seja, depois de *renato* (em latim; renascido, em português), o neocristão é *revestido de Cristo* (“todos os que fostes batizados vos revestistes de Cristo” [Gl 3,26]; “revesti-vos do Senhor Jesus Cristo” [Rm 13,14]). Diz o Ritual do Batismo: “Agora és nova criatura e estás revestido de Cristo. Esta veste branca seja para ti símbolo da dignidade cristã”. E poderíamos agora falar das vestes papais, episcopais, diaconais ... muitas vezes mais cuidadas pela sua riqueza material que pelo seu simbolismo.

No princípio, nem o episcopo, nem o presbítero, nem o diácono tinham veste litúrgica: todos vestiam na Liturgia como na rua. No séc. V, o papa Celestino I (422-432), numa carta enviada aos bispos gauleses de Vienne e Narbonne, Sul de França, queixava-se de que alguns presbíteros tinham começado a utilizar vestes especiais: “Porquê, agora, vestes especiais se não é essa a nossa tradição? Temos que nos distinguir dos demais mas pela doutrina, não pelo vestir; pela conduta, e não pelo hábito; pela pureza da

mente, e não pelos adereços exteriores”. Outras intervenções a esta semelhantes houve que se poderiam acrescentar.

Foi, mais ou menos, no séc. IX, à entrada da Idade Média, que começaram a aparecer vestes litúrgicas para os seus diferentes ministros. Eu digo isto doutra maneira mais exata: quando na Idade Média os europeus mudaram o seu vestir, os ministros litúrgicos conservaram as vestes antigas que vinham do tempo romano. Conservaram e multiplicaram as antigas. Porque então, para lá dos bispos e presbíteros, diáconos já não existiam, mas sim subdiáconos, leitores e acólitos, ostiários e sacristãos, turiferários e ceroferários, Irmãos e Confrades, e já não falo — isso foi muito mais tarde — em senhores e senhoras com cadeiras e genuflexórios particulares, etc., etc. Cada um destes ministros passou rapidamente a ter a sua veste, que era complexa, das luvas aos sapatos, como agora começa a ser outra vez, postas de lado as opas, lembram-se?

Aconteceu na Idade Média o que sucedeu pelo tempo adiante. Vós já vistes todos, de certeza, sobretudo pela televisão, freiras com umas vestimentas estranhas, umas toucas mais que barrocas, enormes! Pertenciam a ordens religiosas em que as mulheres se vestiam exatamente ao jeito da sua terra e do seu tempo. Só que, com 200 anos em cima... Ainda hoje em algumas zonas europeias, na Bretanha francesa, por exemplo, as senhoras se vestem assim.

Portanto, o que aconteceu? Quando, na Idade Média, a Europa mudou de roupa, a Liturgia manteve a veste antiga que vinha do tempo greco-romano. Quem mudou não foi o bispo nem o presbítero.

E, então, como se vestia o romano?

O cidadão romano vestia uma túnica interior, e depois uma segunda, exterior, esta longa até aos pés, bordada de cima abaixo conforme as posses do seu dono, e aberta à volta do pescoço; finalmente, em tempo de frio ou de chuva, punha por cima uma *casula* > uma *casa pequena* (uma espécie de poncho sul-americano).

Dizia: quando o europeu começou a vestir diferente, a Liturgia manteve a veste antiga. A túnica interior originou a actual **alba**; a segunda túnica, rica e trabalhada, desapareceu, mas não o seu bordado, que originou a **estola**, “uma banda de tecido de linho, ornada de uma orla de bordado precioso, terminada por franjas, de que os romanos [da alta] se serviam para resguardar o pescoço do frio” (António Coelho, beneditino português que esteve na origem da reforma litúrgica em Portugal [1892-1938]). E, finalmente, a casula, que podia ser (visi)gótica (semicircular) ou romana (que caía à frente e nas costas de modo a deixar os braços descobertos; entretanto, a frente transformar-se-ia numa autêntica viola, e pôs-se praticamente de lado depois do Vaticano II). O mesmo António Coelho, em 1927, escrevia assim: “Felizmente o movimento de restauração litúrgica que dia a dia mais se intensifica e propaga vai restabelecendo em muitas parte o uso da antiga casula a que, pelo seu corte,

embora impropriamente, se dá o nome de gótica. Razões de ordem histórica, estética e simbólica, e até certas rubricas do Missal seriam suficientes para justificar o seu uso. No entanto, não se pode adotar sem consultar a Santa Sé”.

Para além da casula gótica, com o Vaticano II, generalizou-se o uso de uma estola por cima da alba, sem casula, paramentação mais simples e mais barata.

Quando cheguei à Serra do Pilar, encontrei paramentos paupérrimos e já muito estragados, todos tipo viola. Quase logo a Eng^a Ana Maria Carvalho desenhou uma muito simples casula gótica em semicírculo de que se costuraram 4 exemplares (branco, verde, vermelho e roxo). Passados 40 anos, subsiste apenas o vermelho (que está a ser recuperado), os outros foram-se deteriorando e postos de lado. Em 1985, com desenho do arq^o José Nobre, fez-se uma casula branca, que ainda se usa, mas que precisa de ser arranjada. O seu desenho inovador, o seu bordado e a sua confeção assim o pedem. Foi a Lininha que a costurou e a Maria Isabel Osório, falecida há meio ano, que a bordou. Em 2000, o Pe David Matamá desenhou-nos e costurou-nos uma casula verde, muito bela, que está em muito bom estado e que utilizamos no Tempo Comum, nem sempre, que é muito pesada e quente e, no tempo de Verão..., costume usar só a alba e a estola. Há ainda duas outras casulas que o Pe Matamá aí nos deixou e são utilizadas no Tempo do Advento e da Quaresma.

Precisávamos de uma casula vermelha. Na celebração dos 40 anos e também, verdade se diga, na esperança de que o Bispo António Francisco poderia vir à Serra do Pilar pelo Pentecostes, arriscamo-nos a confeccionar um paramento vermelho, bordado artesanalmente à maneira vianesa. Que todos viram nos dois últimos domingos. Seus autores: o arq^o José Carvalho e o Pe Matamá, e ainda o arq^o José Nobre e duas bordadeiras de Viana do Castelo, Marta Prozil e Goreti.

Há no paramento uma particularidade única: o logotipo da Comunidade diz que é da “Serra do Pilar”, e está voltado para fora, e não para dentro, sobre um fundo multicolor em bordado à vianesa: “A Igreja é para o mundo”, para fora, não para dentro...

A veste litúrgica — já se fez com malha de ouro e outros materiais preciosos — não é ostentação de riqueza, mas revela o apreço que a Comunidade tem por aquilo que se celebra. Na Liturgia, juntam-se os irmãos que perfazem a assembleia; mas depois há a Palavra e o canto, os gestos, os símbolos - a água batismal, a saudação da paz, o pão que se parte e distribui — e os silêncios, a proximidade do mistério e a distância do transcendente, o “Fazei isto em memória de mim”... E é tudo isto que faz com que a celebração seja um momento privilegiado; por isso exige sinais e símbolos, e até roupa!

Fica aqui hoje dito que um outro paramento se está já a estudar. Podemos dizer da Serra do Pilar que “os seus vestidos são de linho e púrpura” (Pv 31,22).

Preces

**Subiremos à tua montanha,
iremos à tua presença
E tu nos renovarás nas fontes da água viva.**

Livra, Senhor, a tua Igreja
do peso das tradições que a manietam
e são traição à Tradição dos Apóstolos!

Livra, Senhor, a tua Igreja da dependência dos meios
que a não deixa sair em Liberdade:
mas há missões impedidas por falta de meios.

Livra, Senhor, a tua Igreja do medo que a impede
de sair por “caminhos não andados que esperam por alguém”;
tu mandaste-a pelas “praças e ruas da cidade” (Lc 14,21).

E livra também, Senhor, a tua Igreja
da vaidade ou do medo dos resultados,
o que a impede de dar os passos difíceis.

Oração final

Oremos (...)

Nós te damos graças, Senhor,
pela Palavra escutada e pelo Pão recebido,
sementes do Reino, da terra Nova,
deixados nesta velha terra pelo teu Cristo,
Filho teu e nosso Irmão.
Por Ele o pedimos, na Unidade do Espírito Santo.
Ámen!

**Louvai o Senhor, todas as nações,
aclamai-O todos os povos!**

É firme a Sua misericórdia para conosco,
a fidelidade do Senhor permanece para sempre!

LEITURAS DIÁRIAS

2.^a-feira: 2 Cor 1, 1-7; Sl 33; Mt 5, 1-12
3.^a-feira: 2 Cor 1, 18-22; Sl 118; Mt 5, 13-16
4.^a-feira: 2 Cor 3, 4-11; Sl 98; Mt 5, 17-19
5.^a-feira: 2 Cor 3, 15 - 4, 1. 3-6; Sl 84; Mt 5, 20-26
6.^a-feira: 2 Cor 4, 7-15; Sl 115; Mt 5, 27-32
Sábado: 2 Cor 5, 14-21; Sl 102; Mt 5, 33-37